

Bruno Guimarães

Universidade Federal de Ouro Preto

O corpo como órgão de expressão mimética

O trabalho pretende discutir o papel da arte na dimensão somática do conhecimento, a partir do pensamento de Adorno e Horkheimer. Desde a Dialética do esclarecimento, escrita por ambos os autores em 1947, é conhecida a crítica ao esclarecimento como dominação da natureza e escravização do homem pelo homem. O que mais tarde seria denominado de "princípio de identidade" estaria por trás do autoritarismo de uma razão que se comporta com as coisas como o ditador se comporta com os homens, conhecendo-os na medida em que pode manipulá-los, ou ainda de uma racionalidade que "não conhece nada de novo, porque repete tão somente o que a razão já colocou no objeto". Naquele contexto, os autores já antecipavam o juízo de que "com o progresso do esclarecimento, só as obras de arte autênticas conseguiram escapar à mera imitação daquilo que, de um modo qualquer, já é". Escrita pouco tempo antes e publicada no mesmo ano da Dialética do esclarecimento, Eclipse da razão de Horkheimer afirmaria, contra a violência do conhecimento pensado como dominação cega da natureza, que "o corpo inteiro é um órgão de expressão mimética". Reconhecendo através disso uma base primitiva inconsciente, a partir da qual se desenvolveria mais tarde os métodos racionais de aprendizagem, Horkheimer parecia já indicar aí um caminho alternativo para o desenvolvimento cognitivo capaz de evitar os efeitos regressivos e sintomáticos do retorno do reprimido. Finalmente, Adorno retomaria o tema da dimensão somática do conhecimento em sua obra tardia, sobretudo através da Dialética negativa e da Teoria estética, para anunciar a esperança de dar voz ao que o princípio identificador do conceito reprime, despreza e rejeita, ou para dar voz ao sofrimento que se expressa através da não-identidade do corpo, fazendo com que a "racionalidade estética defenda o não-idêntico que a compulsão à identidade oprime na realidade".
